

## MEIOS DE VIDA EM UM CONTEXTO SEMIÁRIDO: ASPECTOS CULTURAIS, SOCIOPOLÍTICOS E PERCEPTIVOS DA RELAÇÃO HOMEM-AMBIENTE

Graziela Freitas Dourado  
Maria Izabel Vieira Botelho

### 1. INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro está vinculado a diferentes valores estéticos e morais. A partir da etimologia da palavra sertão, algumas vezes utilizada como sinônimo de semiárido, e apoiando-se na revisão de literatura de alguns dos clássicos das ciências sociais brasileira que se debruçaram sobre esta temática, percebe-se que estes valores estéticos e morais estão associados a imagens estereotipadas e, frequentemente, pejorativas.

Assim como afirmou Euclides da Cunha (1903), o sertão (e, logo, o semiárido) brasileiro foi ignorado por longa data. Mais do que isso, o sertão configurou-se em lugar de descaso. Descaso do poder público em relação às necessidades básicas da população como segurança, educação, saúde, etc.; descaso em relação às degradantes formas de dominação praticadas em formas de clientelismos, patrimonialismos e outros “ismos”; descaso em relação aos aspectos da cultura local e descaso com o ambiente, estereotipado, por olhares externos, como inóspito, hostil, feio, inútil, etc. Mas como os sujeitos que aí residem percebem tal ambiente?

Esta pesquisa teve como principal objetivo compreender a percepção do ambiente por parte da população do município de Marcionílio Souza, um pequeno município localizado na região semiárida do estado da Bahia. Utiliza-se o termo ambiente em referência ao ambiente natural, de acordo com autores da epistemologia ecológica, como Ingold (1993, 2000, 2010), Velho (2001) e Carvalho e Steil (2009, 2012, 2014). O entendimento da *percepção do ambiente* apoia-se na concepção elaborada pelo antropólogo Tim Ingold, que é alicerçada no pressuposto de que as “formas de agir no ambiente são também as formas de percebê-lo” (INGOLD, 2000, p. 21).

Já que o *perceber* e o *agir* ambientais não se dissociam completamente, pergunta-se: o que vem motivando ações mais degradantes no ambiente?

## 2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma revisão de literatura sobre a relação homem-ambiente a partir de abordagens mais gerais, de aspectos específicos do contexto brasileiro e, especialmente, do contexto semiárido, para finalmente, refletir sobre as características específicas do município de Marcionílio Souza. Utilizou-se, ainda, a abordagem *meios de vida* como ferramenta analítica. Pois, ao tratar das formas de viver, esta abordagem abarca e articula dimensões ambientais, de renda, de trabalho, de migração, de sociabilidades, de gênero, etc. Todas estas dimensões, organizadas de formas diferenciadas, constituem o portfólio das estratégias de vida dos sujeitos estudados possibilitando, assim, uma melhor compreensão das formas de viver e perceber o ambiente.

A *percepção do ambiente*, assim como os *meios de vida*, perpassam as diversas esferas da vida das pessoas que habitam determinado lugar. Hebinck (2007) categoriza estas esferas em termos de *recursos*, que podem ser tangíveis e não-tangíveis, sociais e naturais. Os recursos (humano, financeiro, social, físico e natural), de acordo com o autor, não refletem apenas qualidades biofísicas, mas também as relações sociais e características culturais (HEBINCK, 2007). Ao classificar o ambiente como *recurso natural*, um dos cinco elementos centrais dos meios de vida, pode-se compreender a análise das inter-relações existentes entre as estratégias de sobrevivência de dada população e o tema central desta pesquisa: a relação do homem com o ambiente.

A relação homem-ambiente no município foi explorada a partir dos aspectos: culturais, relacionados principalmente às práticas cotidianas e formas de sociabilidades intrínsecas ao ambiente; políticos e econômicos, sobretudo referentes às políticas públicas destinadas à região, assim como às formas de acesso à terra; e perceptivos, captados por meio do exercício da observação participante e da escuta e registro da memória da popula-

ção local. Esta pesquisa possui caráter estritamente qualitativo e os principais dados analisados consistem em relatos colhidos por meio de entrevistas em profundidade, realizadas com moradores de Marcionílio Souza. Este município está localizado na região semiárida do estado da Bahia e possui uma população em torno de 10.000 habitantes. Aproximadamente metade da população encontra-se na zona rural, mas, por meio da pesquisa dos dados secundários, pode-se perceber que esta vem diminuindo nas últimas décadas. A escolha deste município, assim como sua localização – na região semiárida – justifica-se e articula-se aos pressupostos teóricos e metodológicos adotados, sendo uma dessas justificativas o alto nível de degradação ambiental encontrado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisou-se a percepção do ambiente no presente (após o amplo desmatamento) e no passado (antes do desmatamento), tendo surgido, a partir dos relatos, a década de 1980 como marco temporal. Segundo os relatos, este pode ser o período com maior índice de desmatamento do território. Deste modo, foi analisada a percepção do ambiente dos moradores locais antes e depois da notória degradação, para, assim, refletir sobre a questão ambiental no município a partir das percepções destes sujeitos.

O ambiente semiárido e o bioma caatinga, não obstante todos os casos, reúnem um conjunto de ecossistemas de riquíssima biodiversidade, onde vivem espécies animais e vegetais raras e endêmicas (MMA, 2002). Mais do que isso, este ambiente possui imenso valor (concreto e simbólico) para os homens e as mulheres que, durante várias gerações, povoam esta região. Estes sujeitos sociais desenvolveram e desenvolvem múltiplos *meios de vida* que asseguram sua reprodução social em meio a essas especificidades climáticas, estabelecendo fortes laços afetivos, acumulando conhecimentos inestimáveis e imprescindíveis e formas próprias de sociabilidades e de relacionar-se com o ambiente que os circunda.

Estas formas de sociabilidades, estes laços afetivos, estes conhecimentos, estas formas de se relacionar e viver com e no ambiente, intrínsecas

à cultura local, permeadas pelos descasos históricos, são elementos que constituem e são constitutivos da percepção.

O capítulo 1, “Sobre a pesquisa e seus caminhos”, é dedicado à contextualização do local de estudo, justificativas e apresentação da metodologia e orientação teórica escolhidas. Ao longo dos três capítulos seguintes, que constituem o corpo da dissertação, procurou-se destrinchar os aspectos considerados mais relevantes para o entendimento da percepção ambiental dos sujeitos sociais de Marcionílio Souza, tendo como base os dados coletados. Estes atributos podem ser agrupados em: aspectos culturais; aspectos sociopolíticos; e aspectos afetivos da relação homem-ambiente. Obviamente, estes temas são conexos e inter-relacionados; minimamente, todos eles são mencionados em cada um dos capítulos e é neste ponto que se insere a abordagem meios de vida e a sua função articuladora e condutora de toda a análise. Na medida em que os meios de vida têm intrínseca relação com o ambiente, com a cultura, com os recursos materiais, com os fenômenos políticos e sociais e ainda com aspectos da afetividade, tal abordagem auxilia na compreensão da percepção do ambiente e consiste em eficaz e fundamental ferramenta para esta análise.

O capítulo 2, “Aspectos culturais dos meios de vida e da relação homem-ambiente em um contexto semiárido”, tem o objetivo de melhor entender a natureza da relação homem-ambiente no município de Marcionílio Souza, já que é perceptível uma intensa degradação ambiental e, ao mesmo tempo, aspectos culturais fortemente atrelados ao ambiente. Deste modo, elabora-se uma breve historização da relação homem-natureza no mundo (ocidental), no Brasil e no semiárido nordestino. Para isso, são analisados estudos que se dedicam ao estudo da relação homem-ambiente. A discussão realizada neste capítulo propõe a desnaturalização de dois mitos fortemente presentes no senso comum brasileiro: 1) a culpa agregada à seca e às características menos “exuberantes” do ambiente natural semiárido sobre os problemas econômicos e sociais encontrados na região; e 2) a imagem romântica de “bom selvagem” atribuída a povos tradicionais, onde estes agiriam de forma integralmente harmoniosa com o ambiente onde vivem.

Pode-se dizer que este é um capítulo provocativo, pois, a todo momento, aponta a necessidade de se refletir mais profundamente sobre questões que influenciam o que pode ser considerado como devastação do ambiente natural encontrada no município analisado. Este contexto, levadas em conta as devidas proporções, pode facilmente ser ampliado à realidade brasileira e mundial. Finalmente, desmistificada a culpa do ambiente per si e desromantizada a relação do sertanejo com o ambiente, com a ajuda da epistemologia ecológica do antropólogo Tim Ingold e da abordagem de meios de vida reflete-se sobre a relação do homem com o ambiente semiárido que se dá em meio a ferro e fogo, mas também permeado de afetividade e intimidade. A intensão é provocar questionamentos sobre as formas de agir no ambiente. Será que existe uma receita, um manual de conduta ou normas a seguir? Será que estes sertanejos que, durante gerações, acumulam experiências e conhecimentos sobre o ambiente, estão agindo de forma errônea? Quem pode dizer o que é certo e o que é errado?

Em continuidade com o capítulo 2, o terceiro, “Influências econômicas e políticas nos meios de vida e nas relações homem-ambiente em um contexto semiárido” busca aproximar-se de possíveis respostas aos questionamentos provocados anteriormente. Deste modo, propõe-se uma reflexão sobre a trajetória histórica do semiárido, tendo como foco as políticas públicas e as formas de acesso à terra particulares da região. A partir das obras de autores renomados como Caio Prado Jr., Afrânio Raul Garcia Jr., Manuel Corrêa de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Vitor Nunes Leal que trataram de questões relacionadas às formas de uso e ocupação do ambiente semiárido, buscou-se fazer a articulação de algumas das reflexões elaboradas por este conjunto de estudiosos da região com alguns dados empíricos, coletados para esta pesquisa, visando, assim, melhor entender as inter-relações entre forças e pressões – internas e externas – que influenciaram a relação do homem (sertanejo) com o ambiente semiárido e, conseqüentemente, sua percepção.

Vale ressaltar que se trata de uma análise relacional dos aspectos evidenciados nas entrevistas referentes à questão ambiental no município, a

partir de pontos de vista sociológico e antropológico. O conceito de meios de vida torna-se fundamental à medida que arremata a costura entre os aspectos históricos, econômicos e políticos e, ainda, a relação com o ambiente.

O capítulo 4, “Migração, memória e percepção do ambiente: aspectos afetivos da relação do homem com o ambiente em um contexto semiárido”, tornou-se concretizável somente a partir de insights provocados pelos relatos colhidos durante a pesquisa de campo. A intensa relação entre memória e a fala dos sujeitos, a riqueza semântica das expressões típicas utilizadas pelos entrevistados e a clareza com que as emoções falam sobre a realidade possibilitaram a conclusão da análise. Nesse capítulo são exploradas as representações estéticas emitidas sobre o que seria considerado um “ambiente ideal”. São explorados conceitos de memória a partir de autores como Le Goff, Halbwachs, e também da psicóloga social Ecléa Bosi. Ao distinguir memória individual e memória coletiva são aprofundadas as relações existentes entre, por um lado, as experiências pessoais (suas emoções e afetividades) e, por outro, a questão política da afirmação da identidade de um grupo às formas de viver e perceber o ambiente.

Por fim, no último capítulo, chama-se a atenção para o papel das migrações – uma importante estratégia de meio de vida local – na resignificação do ambiente na vida dessas pessoas; para isso autores clássicos da abordagem meios de vida, como Frank Ellis e Paul Hebinck dão embasamento ao argumento, assim como a epistemologia ecológica de Tim Ingold. Trata-se da tentativa de compreender aspectos mais sutis e subjetivos da relação com o ambiente embaçados na misticidade e magia da memória, onde se vê o ambiente semiárido repleto de significados positivos, diferentemente da visão do senso comum.

#### 4. CONCLUSÕES

Foi possível concluir que a população de Marcionílio Souza não emite valores estéticos pejorativos sobre o ambiente semiárido. E que a forma

de agir no ambiente está fortemente relacionada às habilidades (no sentido ingoldiano) adquiridas ao longo das experiências de vidas necessárias para se conseguir sobreviver com poucos recursos.

Constatou-se também que há uma forte reminiscência das formas de ocupação e colonização do semiárido nas estruturas sociais contemporâneas e que, em muitos dos casos, os moradores locais não tiveram a possibilidade de agir sobre o ambiente de forma distinta, pois este era seu principal ou único meio de vida, o que gerou super exploração dos recursos naturais no município de Marcionílio Souza.

A migração sazonal para os grandes centros urbanos, sobretudo São Paulo, foi identificada como um fator propulsor de mudanças na percepção do ambiente por parte desses sujeitos, onde o ambiente passa a ser visto como local de lazer e ócio e não mais fonte de sobrevivência. As políticas públicas sociais influenciaram também esta mudança de significados. A migração está associada, no caso do município de Marcionílio Souza, também, à construção de uma memória coletiva e na relocação do ambiente em um lugar carregado de valores afetivos e que estimulam a sensibilidade à necessidade de conservação deste.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correa de (1980) *A terra e o homem no Nordeste*. 4ª edição Livraria Editora Ciências Humanas. São Paulo, SP.
- BOSI, Ecléa (2003), *O tempo vivo da memória: Ensaio sobre Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (2006) *Educação Ambiental: formação do sujeito ecológico*. 2ª edição. São Paulo: Cortez.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. (2009) O Habitus Ecológico e a Educação da Percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. *Revista Educação e Realidade*. 34(3): 81-94, set/dez.
- \_\_\_\_\_ (2012) O pensamento ecológico de Tim Ingold, *Anuario de Antropología Social y Cultural*. Uruguay, Vol. 10.

- CUNHA, Euclides da (1903), *Os Sertões*. São Paulo: Três, (Biblioteca do Estudante).
- ELLIS, Frank. (2000) *Rural Livelihoods and Diversity in Developing Countries*. Oxford University press.
- GARCIA JR., Afrânio Raul. (1990), *SUL: A caminho do roçado*. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Editora Marco Zero e editora Universidade de Barseilba.
- HALBWACHS, M. (1993). *A memória coletiva*. Trad. De Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais.
- HEBINCK, Paul & LENT, Peter C. (orgs.) (2007). *Livelihoods and Landscapes: The people of Guquka and Koloni and their Resources*. Editora Brill, Leiden, Boston.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. (1995). *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- INGOLD, Tim. (1993) The Temporality of the Landscape In: *World Archaeology* Vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society, Published by: Taylor & Francis Ltd, pp. 152-174.
- \_\_\_\_\_ (2000) *Perception of the Environment*. Taylor & Francis e-Library. New York.
- \_\_\_\_\_ (2010) *Da transmissão de representações à educação da atenção*. Educação, Porto Alegre, v.33, n1, p.6-25.
- LEAL, Victor Nunes. (2012) *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. Companhia das letras, 7ª edição, São Paulo.
- LE GOFF, Jacques (1990). *História e memória*. tradução Bernardo Leitão [et al.] (Coleção Repertórios) Editora da UNICAMP, Campinas, SP.
- VELHO, Otávio. (2001) De BATESON a INGOLD: Passos na construção de um paradigma ecológico. *Revista Mana* 7(2):133-140.

Agência Financiadora da Pesquisa: CAPES

Banca: Maria Izabel Vieira Botelho, Jonas Marçal de Queiroz, Rafael Kopschitz Xavier Bastos, Leonardo Civale.